



**Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*  
Especialização em EJA**

*Campus Nilópolis*

Alcicléa Ramos dos Santos

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ESPAÇO-TEMPO DE FORMAÇÃO INICIAL PARA  
O PROFESSOR EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Nilópolis/ RJ  
2017

Alcicléa Ramos dos Santos

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ESPAÇO-TEMPO DE FORMAÇÃO INICIAL PARA  
O PROFESSOR EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia *Campus* Nilópolis, como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Sandra da Silva Viana  
Coorientador: Prof. Ms. Rony Pereira Leal

Nilópolis/ RJ  
2017

Alcicléa Ramos dos Santos

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ESPAÇO-TEMPO DE FORMAÇÃO INICIAL PARA  
O PROFESSOR EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia *Campus* Nilópolis, como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra da Silva Viana  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

---

Prof. Ms. Rony Pereira Leal  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – IFF

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula de Abreu Costa de Moura  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Janaína de Azevedo Corenza  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

Nilópolis/RJ  
2017

Dedico este trabalho primeiramente à Deus e em seguida, a minha família e a todos aqueles que vem contribuindo para minha formação docente.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero agradecer a Deus, aquele que tem sido o meu sustento de todos os dias, o meu abrigo e amor.

A minha mãe, Maria José, que tanto amo e que sempre me incentivou, dizendo para nunca desistir, mas prosseguir. A ela, que sempre acreditou e nunca me subestimou.

Aos meus orientadores, Sandra e Rony, por suas contribuições riquíssimas durante a construção do artigo e em todo o curso. Obrigada pela amizade e apoio neste momento árduo e muito feliz.

A minha grande formadora e amiga, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula de Abreu Costa de Moura, que com sua força e garra, me encorajou e me fez reconhecer e enxergar o meu potencial diante das adversidades. Obrigada por sua humanidade, seriedade profissional e pela grande figura feminina no meio acadêmico.

Ao meu pai, João Antônio, que mesmo com a distância, me ensinou os verdadeiros valores da vida, motivando sempre a trilhar o caminho educacional, esse que ele não teve muito acesso, mas reconhecia a sua importância para a construção de um cidadão.

Aos meus irmãos, José Carlos, Alexiane e Alciele, pelo amor, cuidado, amizade e companheirismo. Obrigada por me apoiarem em mais uma jornada.

Ao meu avô Severino, por reconhecer e acreditar no caminho que escolhi trilhar e que tem por consequência a minha ausência nas suas tardes de café com tapioca.

Aos meus sobrinhos Luan e Davi, por compreenderem minha ausência nos vários momentos.

A todos os professores do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos do IFRJ pelas aulas e construções.

A banca examinadora pela disponibilidade e comprometimento com a educação.

Aos colegas do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos do IFRJ, em especial Ana Cláudia, Antônio, Anselmo, Luana e Tiago sem dúvidas fomos sustento uns para os outros. Obrigada pelas brincadeiras e lanches da tarde.

Ao Programa Integrado da UFRJ para Educação de Jovens e Adultos, onde pude conhecer a importância com que se deve ter para com a educação dos educandos da EJA. E toda a equipe que de modo especial contribuiu para o meu amadurecimento pessoal e acadêmico.

Aos alunos da Educação de Jovens e Adultos, que me ensinaram a investigar, questionar e ser feliz na docência.

Aos professores que passaram na minha vida, vocês foram grandes mestres.

À UFRJ, espaço da minha formação inicial, que, com seus professores, me ajudou na construção de um olhar crítico e reflexivo.

## **ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ESPAÇO-TEMPO DE FORMAÇÃO INICIAL PARA O PROFESSOR EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Alcicléa Ramos dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho busca investigar, através de um estudo de caso de cunho qualitativo, as possíveis contribuições da disciplina “Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Educação de Jovens e Adultos”, do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao processo de formação inicial do futuro professor. Nesse sentido, partimos da premissa de que esta possibilita uma melhor articulação entre teoria e prática, permitindo aos graduandos a familiarização e problematização acerca dos temas da Educação de Jovens e Adultos, a partir do entendimento dos fazeres pedagógicos dessa modalidade de ensino. O estudo relacionará a produção teórica dos autores Freire (1996), Esteban e Zaccur (2002), Garcia (2003), Andrade (2005), Pimenta e Lima (2011), Moura (2017) que fundamentam esta pesquisa a alguns documentos legais considerados estratégicos para a compreensão do referido curso (matriz curricular e relatórios dos graduandos). Como resultado da pesquisa, verificamos que o estágio possibilitou aos licenciandos o conhecimento sobre a modalidade e as suas especificidades, o entendimento do fazer pedagógico nas turmas de jovens e adultos e a importância da práxis para a formação docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Jovens e Adultos. Estágio Supervisionado. Formação Inicial de professores.

**ABSTRACT:** This study aims to investigate, through a qualitative case study, the possible contributions of the discipline "Teaching and Supervised Internship in Youth and Adult Education", of the undergraduate course in Pedagogy of the Federal University of Rio de Janeiro, to the process of initial formation of the future teacher. In this sense, we start from the premise that this enables a better articulation between theory and practice, allowing students to become familiar and problematic about the themes of Youth and Adult Education, based on the understanding of the pedagogical practices of this teaching modality. The study will relate the theoretical production of the authors Freire (1996), Esteban e Zaccur (2002), Garcia (2003), Andrade (2005), Pimenta e Lima (2011) and Moura strategies for the understanding of this course (curricular matrix and reports of undergraduates). As a result of the research, we verified that the internship allowed the licenciandos the knowledge about the modality and its specificities, the understanding of the pedagogical doing in the youth and adult classes and the importance of the praxis for the teacher training.

**KEYWORDS:** Youth and Adult Education. Supervised internship. Initial Teacher Training.

---

<sup>1</sup> Pós graduanda em Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal de Educação do Rio de Janeiro – IFRJ. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Atuou como bolsista do Programa Integrado da UFRJ para Educação de Jovens e Adultos. Atualmente é professora substituta da Escola de Educação Infantil da UFRJ.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando falamos sobre a efetivação do direito à educação, remetemo-nos a uma série de desafios e questionamentos: *como tornar o processo de ensino-aprendizagem significativo? Os materiais pedagógicos dão conta de todos os conteúdos? Como relacionar o conteúdo escolar aos conhecimentos prévios dos educandos? Como saber se o educando se apropriou dos conteúdos ministrados?*

Essas são algumas perguntas que perpassam o imaginário e os discursos circulantes no espaço escolar, e que acompanham os docentes nas salas de aula, podendo levá-los à “conclusão” de que não sabem ensinar, quando o que se observa, de fato, é o desconhecimento acerca do aspecto transitório, não apenas do conhecimento, mas, também, da dimensão teórica e técnica da profissão.

Sobre esse incômodo, Andrade (2005) afirma que,

Hoje, nenhum profissional está satisfatoriamente formado após um curso de graduação, dado o volume de conhecimentos produzidos dia a dia em todas as áreas da atividade a que o homem se propõe. No caso particular do professor, de qualquer nível de ensino, nós acrescentamos, como razão essencial, o objeto, por sua natureza, mutante a uma velocidade vertiginosa. Um professor não estará, nunca, inteira e suficientemente formado, por uma ou outra razão. (p.21)

Sabe-se que ser professor vai muito além de gostar, amar ou querer ganhar status com a profissão, mas exige uma formação sólida e adequada que permita conhecer o objeto e os sujeitos com quem se vai trabalhar. Não são todos que estão preparados para ensinar. Afinal, não basta saber ler e escrever para alfabetizar ou trabalhar os conteúdos com os educandos. É necessário que exista um conhecimento teórico e prático, onde ambos dialoguem para a construção do saber docente.

Deste modo, vemos como é importante que o educador esteja atento aos desafios pedagógicos que emergem a todo momento, pois novos conhecimentos são construídos e ressignificados. Os questionamentos e indagações são importantes e fazem parte da prática educativa, que deve ser reflexiva e investigativa, uma vez que não se pode entrar numa sala de aula sem o mínimo de conhecimento pedagógico e político da modalidade e dos sujeitos para os quais se irá lecionar, bem como das nuances que caracterizam este espaço de aprendizagem.

No entanto, é notório que existem professores despreparados, e sem o menor conhecimento do que seja a EJA (Educação de Jovens e Adultos), e os sujeitos envolvidos no processo, e que, por isso, promovem formas de ensinar distantes de suas necessidades. São, em



sua maioria, professores que lecionam com crianças, e que não tiveram em sua formação inicial e continuada disciplinas e/ou cursos sobre educação de adultos. Assim, tendem a reproduzir e a reutilizar as estratégias didáticas e os materiais utilizados nesta modalidade, o que interfere nas formas como o educando se apropria do conhecimento trabalhado na sala de aula.

Neste sentido, vale a pena pontuar que a formação do professor da EJA segundo o CNE/CEB 11/2000, deve

[...] incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer. (p.56)

Logo, conclui-se não basta ter somente boa vontade e querer contribuir de forma voluntária com o processo de educação dos adultos. É necessário que se tenha formação adequada para atuar com os sujeitos que nunca tiveram acesso à escola, ou com aqueles dos quais a escola se distanciou, pedagógica e politicamente.

Tendo em vista o perfil dos educandos da modalidade EJA, o foco deste trabalho é a problematização acerca da formação inicial do licenciando em Pedagogia, que, futuramente, será um profissional da educação, e poderá trabalhar com turmas nesta modalidade. Além das especificidades pedagógicas já previstas, ele deverá conhecer quem são estes sujeitos e suas nuances, marcadas por uma heterogeneidade significativa, seja na idade, nas histórias de vida ou nos conhecimentos construídos no ambiente escolar ou no cotidiano.

As questões e reflexões realizadas durante meu percurso enquanto estudante de Pedagogia e alfabetizadora e pesquisadora do Programa Integrado da UFRJ para Educação de Jovens e Adultos, me fizeram pensar sobre o problema da pesquisa, que é compreender em que medida a implantação da disciplina “Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Educação de Jovens e Adultos”<sup>2</sup>, no curso de Pedagogia da UFRJ contribui(u) para a formação inicial do futuro professor dessa modalidade, uma vez que esta só é oferecida no curso quando os alunos já estão quase se formando. Partiu-se da hipótese de que o estágio supervisionado possibilita uma articulação entre teoria e prática, permitindo aos graduandos um maior conhecimento e

---

<sup>2</sup> A partir daqui, nos referiremos à disciplina sob o título “Estágio Supervisionado em EJA”, nome pelo qual é socialmente reconhecida.

aprofundamento dos temas acerca da modalidade em Educação de Jovens e Adultos, bem como o entendimento dos fazeres pedagógicos dessa modalidade de ensino.

Com o objetivo de tentar responder a esta e a outras questões, foi empreendido um estudo de caso qualitativo sobre o estágio supervisionado em EJA, enfatizando o curso de Pedagogia oferecido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Para tal, foi feita a análise de alguns documentos, como a matriz curricular do curso, que se encontra em anexo para apreciação e melhor reflexão para as questões discutidas neste artigo e os relatórios do Estágio Supervisionado em EJA de 2010 e 2017. O total de relatórios analisados foram 31, sendo 14 no ano de 2010 e 17 em 2017.

De igual modo, a fim de dar base ao trabalho do pesquisador, subsidiando as discussões trazidas pelo campo de pesquisa, foi realizado o levantamento bibliográfico de autores que discutem a importância dos estágios supervisionados, e da formação inicial para a prática docente, como: Freire (1996), Esteban e Zaccur (2002), Garcia (2003), Andrade (2005), Pimenta e Lima (2011) e Moura (2017).

Desta maneira, buscou-se demonstrar que o processo de reflexão não acontece apenas com a garantia do espaço de estágio supervisionado no currículo, mas que depende de como ele será oferecido pela Universidade, e do trabalho empreendido pelo professor, o que, em outros termos, significa firmar que não basta a disciplina estar garantida no currículo; ela precisa ser oferecida com qualidade. (PIMENTA; LIMA, 2011). Assim, espera-se que o presente estudo contribua para o debate reflexivo sobre o papel do Estágio Supervisionado em EJA na formação inicial dos professores.

## **2 CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO**

A motivação para escolha deste tema deve-se a minha experiência como graduanda no curso de Pedagogia da UFRJ, visto ter sido atravessada pelas experiências de conflito entre teoria e prática durante a minha formação inicial. Durante o curso, só tive contato com a EJA quase ao final do curso nas disciplinas “Abordagem Didática em Educação de Jovens e Adultos”, no oitavo período, e “Estágio Supervisionado em EJA”, no nono período. As demais disciplinas, que tratavam de temas-chave, como, por exemplo, avaliação, alfabetização e letramento, não traziam um olhar sobre o jovem e adulto, mas somente sobre a criança. Arrisco-me a inferir que tal abordagem limita a atuação dos futuros professores e pedagogos a atuarem apenas com a educação de crianças.

Convém pontuar que, ainda que não fosse fruto de uma pesquisa científica, minha percepção é que as demais disciplinas do currículo não foram suficientes para a minha formação, enquanto educadora para atuar na modalidade de ensino de EJA, pois embora os professores tenham dado excelentes aulas, a EJA não era objeto de estudo e discussão nas demais disciplinas. Mesmo durante o tempo que cursei o Estágio Supervisionado em EJA, algo que me inquietou foi a percepção de que a maioria dos meus colegas não tinha conhecimentos prévios sobre a modalidade. Muitos deles sequer sabiam da existência de pessoas analfabetas no país!

Por outro lado, vale salientar que uma experiência que me proporcionou conhecer e pensar a EJA, antes mesmo de cursar as disciplinas dessa modalidade, foi minha atuação como bolsista de extensão da UFRJ no Programa Integrado da UFRJ para a Educação de Jovens e Adultos. Essa ocorreu quando eu estava cursando o segundo período do curso de Pedagogia. Neste espaço, fui me formando na prática em diálogo permanente com a teoria.

É interessante ressaltar que, quando fui fazer o curso de alfabetizador para entrar no Programa de Extensão, não sabia ainda o que era EJA. A única coisa que me disseram até então é que era para “alfabetizar adultos”. Com o passar do tempo, fui conhecendo a modalidade e as leis que a regem, bem as lutas e as questões específicas sobre a construção da alfabetização de um jovem e adulto. Assim, fui me formando como educadora de jovens e adultos, mas, ciente de minha incompletude, percebi que ainda necessitava de mais conhecimento.

A Extensão Universitária tem sido a porta de entrada para se pensar e trabalhar a EJA e muito mais que isso, formar futuros cidadãos e professores que pensam a educação como um direito seu e de seus educandos. É perceptível, o papel da extensão na minha formação pessoal, intelectual e profissional, pois quando iniciei na extensão era insegura e me sentia incapaz de trilhar caminhos tão ricos e diferentes daqueles que me eram apresentados enquanto moradora do complexo da Maré.

Com minha inserção na extensão, iniciei meu trabalho como alfabetizadora de jovens e Adultos e assim pude construir com os educandos conhecimentos que perpassavam o nosso espaço de aprendizagem da sala de aula. Era um momento em que eu enquanto alfabetizadora me colocava a aprender a ouvir, olhar, sentir, falar e tocar, não era qualquer ouvir ou falar, mas era o desenvolvimento de um sentido investigador, curioso, pesquisador para as coisas que emergiam do campo.

Esse movimento de se inquietar e investigar algo e não se conformar com as coisas dadas, é do professor-pesquisador, aquele que vai em busca de respostas para as suas questões

percebidas na prática. Ao não se contentar com as respostas prontas, o professor recorre aos estudos teóricos e as práticas, que ajudarão a desvendar as questões apresentadas pelo campo, que muitas vezes, não são respondidas isoladamente por leituras feitas sobre o assunto em questão. Após essa experiência como alfabetizadora, tive a oportunidade de me tornar pesquisadora e mesmo estando num outro lugar, tive experiências e um crescimento profissional significativo, além de levar os meus questionamentos de quando era alfabetizadora para pensar junto com a equipe de pesquisa.

Nesse período em que estive no Programa Integrado da UFRJ para a Educação de Jovens e Adultos, muitas foram as conquistas e desafios, sendo possível compartilhar através de artigos escritos e apresentados em congressos, seminários, aulas, oficinas e cursos ministrados pelo Brasil, aprendizagens que partem da minha experiência na Extensão Universitária.

Neste sentido, penso que as vivências no Programa, somada às disciplinas “Estágio Supervisionado em EJA” e “Abordagem em EJA”, foi importante no meu processo de formação como professora da modalidade. No entanto, ainda que tenha tido a oportunidade de conhecer a EJA através da extensão universitária antes de cursar estas disciplinas nos últimos períodos, o que hoje reconheço como um privilégio, não deixo de me perguntar: *Será que todos os licenciados tiveram ou terão essa oportunidade? Ou será que eles só conhecerão a EJA nos últimos períodos na Abordagem em EJA e Estágio Supervisionado?*

Por outro lado, se ampliarmos o escopo da nossa análise, pensando a presença da EJA no currículo de outras licenciaturas, dentro da mesma Universidade, veremos que só lhes é apresentado uma única disciplina que é eletiva e não obrigatória, impossibilitando aos licenciados desses cursos o conhecimento da modalidade.

E muito embora o foco do nosso trabalho não seja analisar estes cursos, cabem as seguintes reflexões: *sendo a Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade de ensino, por que grande parte dos currículos de licenciatura não contempla a EJA? Por que as disciplinas relacionadas à modalidade são mínimas e/ou apenas nos últimos anos do curso de Pedagogia, como acontece na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que será campo de nosso estudo?*

Para nos auxiliar na compreensão de como acontece essa construção na formação inicial de professores na disciplina de Estágio Supervisionado em EJA, é que optamos pela adoção de uma metodologia de cunho qualitativo. O termo metodologia significa, etimologicamente, “o estudo dos caminhos a serem seguidos, dos instrumentos usados para se fazer ciência”. (GOLDENBERG, 2004, p. 105). Sendo assim, as pesquisas qualitativas buscam superar a neutralidade do pesquisador e a redução da pesquisa apenas aos fatos observáveis (mensuráveis

ou controlados) presentes no positivismo - visto que o pesquisador sofre “influência” do seu paradigma, sua cultura, sua experiência de vida dentre outros aspectos -, além de mostrar a necessidade de pesquisar fatos que não podem ser mensuráveis tais como sentimentos ou percepções.

Esses fatos vistos como imensuráveis possibilitam pesquisar questões que permeiam o cotidiano da formação inicial, como a relação entre teoria e prática, percebida muitas vezes como dissociadas uma da outra. Assim como Garcia (2003), acredito que teoria e prática não se excluem, visto que uma não se faz sem a outra, ambas caminham juntas para a construção de uma ação pedagógica sólida, consciente e coerente. Esta que se inicia academicamente na licenciatura, nos estágios que promovem uma aproximação dos licenciandos ao real, a sala de aula, muitas vezes, só imaginada nos livros.

Por meio de um estudo de caso, serão pesquisados autores que dialoguem com as temáticas do estudo. Tais teóricos apresentam grande contribuição ao estudo sobre a formação de professores, pois acreditam no movimento de ação-reflexão-ação. Esse entrelaçamento só é possível se nos debruçamos sobre o contexto escolar, de modo a olhar, observar, sentir, ouvir os sujeitos envolvidos no processo escolar. É nesta experienciação que vamos nos reconhecendo e nos constituindo professores.

Paulo Freire (1996) apresenta a educação de adultos e suas especificidades, além de trazer a importância da formação do professor, afirmando que devemos ler nossa sala de aula como se fosse um texto, trazendo um olhar para o educando e educador diferenciado. Moura (2017) apresenta as contribuições da prática de ensino em EJA e a extensão para a construção da identidade docente. Pimenta e Lima (2011) dialogam sobre a formação de professores e pedagogos, debruçando-se sobre a discussão entre teoria e prática que aparecem nas atividades propostas a partir do estágio e apresentam as diferentes concepções do estágio. Andrade (2005) traz o estágio e a práxis docente; Garcia (2003), a necessidade da pesquisa cotidiana. Esteban & Zaccur (2002) que discutem a importância do professor pesquisador.

Além disso, foram analisados alguns documentos legais do curso de Pedagogia da UFRJ (matriz curricular e relatórios dos graduandos), a fim de se verificar que papel o estágio supervisionado, em Educação de Jovens e Adultos, no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, exerce no processo de formação inicial do futuro professor. Os relatórios dos graduandos são relatos dos licenciandos de pedagogia sobre a experiência no estágio supervisionado em EJA.

### 3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria. Ele tem sido o primeiro espaço-tempo em que os alunos em formação inicial e futuros professores conseguem ter o contato com o ambiente escolar, os educandos, os professores regentes e todo o cotidiano escolar. É neste local que os futuros professores experimentam o ser professor, suas angústias e dos alunos, conhecem de perto a realidade para além dos livros, textos e artigos, o que faz dele um espaço de pesquisa e de instrumento pedagógico na formação docente e pessoal dos licenciandos.

As experiências vividas nesse campo despertam inquietações e reflexões sobre a profissão docente: *Como se torna um professor que pesquisa, reflete? Qual a formação necessária para ser um bom professor? Esses e outros questionamentos acompanham a vida daqueles que de fato fazem o movimento de refletirem sobre a sua prática educativa.*

Nesse sentido,

[...]Não é raro ouvir-se dos alunos que concluem seus cursos se referirem a estes como ‘teóricos’, que a profissão se aprende ‘na prática’, que certos professores e disciplinas são por demais ‘teóricos’. Que ‘na prática a teoria é outra’. No cerne dessa afirmação popular, está a constatação, no caso da formação de professores, de que o curso não fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e de prática. (PIMENTA; LIMA, 2011, p.33)

Ainda de acordo com as autoras, “o estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em contraposição à teoria” (idem), no qual licenciandos ao entrarem em sala de aula percebem que as teorias apresentadas no currículo são estudadas de forma fragmentada e, muitas vezes, não suprem a complexidade da realidade escolar, visto que os sujeitos e os conhecimentos construídos em sala e fora dela estão o tempo todo se resignificando.

Desta forma, é necessário rever o currículo para que os conhecimentos sejam trabalhados de maneira sistematizada e dialogada, para que quando chegue no estágio, o licenciando consiga perceber/dialogar com o conhecimento construído teoricamente.

Nessa perspectiva, o estágio supervisionado presente nos currículos tem sido um ótimo espaço de reflexão da prática docente, possibilitando com que a vivência no estágio não se resume a uma simples atuação do aluno graduando, como observador, com a tarefa de registrar anotações sobre os diferentes atores e espaços do cotidiano escolar. Por isso, é importante o destaque feito por Pimenta & Lima (2011, p. 34),

[...] Para desenvolver essa perspectiva, é necessário explicitar-se os conceitos de prática e de teoria e como compreendemos a superação da fragmentação entre elas a partir do conceito de práxis, o que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade.

Ao entrar na sala em que o estágio será realizado, o aluno em formação deve cuidar e se sentir responsável por sua formação, agindo, contribuindo com o professor docente, que também é formador e alunos da sala. A profissão docente vai se fazendo a todo o momento, e o espaço do estágio é um momento rico em que o conhecimento de si e do outro vão se dando.

O estágio tem a finalidade de “propiciar ao aluno uma *aproximação à realidade* na qual atuará. Assim, o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso”. (PIMENTA; GONÇALVES 1990 apud PIMENTA; LIMA 2011, p. 45).

Nesse sentido, a *práxis* é fundamental para que o graduando tenha uma experiência viva e prática com o cotidiano escolar, se inserindo, pensando, refletindo junto na e com a escola, pensando na construção de sua prática e não só deixando que outros pensem por ele, para que não fique preso unicamente as concepções dos textos teóricos, mas que as utilize para fundamentar as experiências vividas no campo. Pois,

De teoria, na verdade, precisamos nós. De teoria que implica numa inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente. Neste sentido é que teorizar é contemplar. Não no sentido distorcido que lhe damos, de oposição à realidade. De abstração. Nossa educação não é teórica porque lhe falta esse gosto da comprovação, da invenção, da pesquisa. Ela é verbosa. Palavresca. É “sonora”. É “assistencializadora”. Não comunica. Faz comunicados, coisas diferentes. (FREIRE, 1967, 93-94)

Essa contemplação de que fala Freire possibilita que o homem adentre a realidade, sendo assim a teoria promove uma reflexão do real, do concreto, ou seja, é necessário se partir das experiências vivenciadas pelo homem em seu cotidiano, refletindo e analisando, sempre se questionando sobre as coisas e não se contentando com o que é imposto.

### **3.1 Estágio Supervisionado em EJA na UFRJ**

As discussões em torno da EJA se intensificaram a partir do momento em que ela se tornou modalidade de ensino, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394, de 1996, e com o Parecer CNE/CEB nº11/2000, que traz suas especificidades, conceitos e funções.

Com isso, em 2006, a UFRJ percebeu a importância de se discutir a possível implementação da abordagem sobre a EJA em seu currículo, possibilitando uma formação mais sólida dos futuros pedagogos para atuarem na Educação de Jovens e Adultos. Sendo assim, em 2007 foram inseridas no currículo da Universidade duas disciplinas obrigatórias que contemplariam a modalidade: “Abordagem Didática em Educação de Jovens e Adultos” e “Prática de ensino e Estágio Supervisionado em Educação de Jovens e Adultos”, a serem oferecidas nos últimos períodos (oitavo e nono, respectivamente).

Vale salientar, contudo, que para a concretização dessa inserção, uma série de embates ocorreu no setor responsável. Muitos professores se posicionavam contra a implementação/reconfiguração da grade curricular do curso de Pedagogia, mas as lutas daqueles que percebiam a importância dessa discussão para o currículo da Universidade foi maior. Desta maneira, por motivos de organização curricular, as duas disciplinas em EJA só foram apresentadas aos graduandos no ano de 2010, nos últimos períodos da turma iniciada em 2007. Essa informação parte de conversas e diálogos que eu tinha com uma professora da UFRJ, no período em que eu era monitora da disciplina “Abordagem Didática em Educação de Jovens e Adultos EJA”.

A experiência como monitora da disciplina, possibilitou uma reflexão ainda maior sobre o lugar da Educação de Jovens e Adultos, os direitos conquistados e anulados, os sujeitos envolvidos e suas especificidades, as políticas pensadas para essas pessoas, a formação dos professores que irão e/ou trabalham com a modalidade, o espaço de formação docente, a estrutura física de educação para EJA, entre outros aspectos que circundam esse lugar. Além de ter sido um lugar privilegiado de construção do meu fazer docente, ou seja, da práxis docente.

Nesse sentido, reconheço a importância do lugar de formação, ou melhor, dos lugares de formação do futuro professor da EJA, que se dá em diferentes espaços e momentos, dentro da Universidade. Por isso, é notório que a experiência com as disciplinas que discutem e corporificam a modalidade de Educação de Jovens e Adultos é inquestionável, visto que os professores formadores apresentam e compartilham diferentes experiências e conhecimentos sobre a EJA.

Sendo assim, a disciplina “Estágio Supervisionado em EJA” tem se consolidado a cada dia como um espaço de atuação e pesquisa para os graduandos, principalmente por conseguirem através das experiências vividas relacionar as abordagens discutidas em sala. Dessa forma, a disciplina se encontra organizada com:

[...] carga horária de 180 horas cursada durante um semestre, dessas, 60 horas são destinadas a aulas na universidade e 120 horas de atividades de campo. Os alunos são



direcionados para as escolas públicas municipais, que trabalham com a EJA para o cumprimento das horas de campo. A carga horária inclui a realização de atividades teórico-práticas, possibilitando um espaço de reflexão crítica sobre o fazer docente e a EJA como modalidade de ensino da educação básica. No programa da disciplina temos o momento de discussão de textos, relatos de situações vivenciadas e observadas e reflexões críticas sobre essas situações, além de uma aula em que o graduando atua como regente da turma de estágio e a produção textual de um relatório reflexivo das situações vivenciadas. (MOURA, 2017, p.126-127).

Com esse novo currículo, foi possível a experiência “no chão das escolas municipais” com a modalidade EJA, sendo construídos os primeiros relatórios que trazem os olhares de observação e reflexão dos graduandos em Pedagogia.

### **3.2 Análises e reflexões sobre o Estágio Supervisionado em EJA**

O estágio supervisionado em EJA é um momento em que os graduandos em formação têm a oportunidade de vivenciar e experimentar as nuances dessa modalidade. Em muitos de seus relatos, os graduandos trazem alguns pontos observados no cotidiano da sala de aula das classes de alfabetização e/ ou ensino fundamental, que perpassam questões como o primeiro contato com a modalidade, a prática do professor, a estrutura da escola, a aprendizagem dos educandos, a relação entre professor e educando, entre outros aspectos.

Em minha formação como estudante do curso de Pedagogia da UFRJ, pude vivenciar por meio desta disciplina, um importante espaço de discussão, que relacionou o cotidiano da sala de aula de jovens e adultos às questões de ensino-aprendizagem, enfatizando, também, as conquistas e retrocessos da modalidade, e promovendo, assim, um olhar dialogado entre teoria e prática.

Nos relatórios, é possível perceber que os estagiários começam a apresentar um olhar sensível e reflexivo sobre o seu campo de investigação, potencializando o papel da formação inicial, que é, segundo Moura (2017 p. 129),

[...] contribuir para a construção da identidade desse docente, com vistas a possibilitar que nos cursos de formação de professores se efetive uma dinâmica de reflexão crítica sobre a complexidade das práticas institucionais e das ações praticadas por diferentes docentes, no intuito de preparar sua inserção profissional.

A atuação dos estagiários vai além da observação somente dos sujeitos, consistindo da atuação na sala, através de conversas com os alunos e professores regentes, ou no auxílio nas atividades propostas pelos professores aos alunos. Nesse movimento, o estagiário se coloca no papel do estágio participante, e não observador; que está ali não para fazer julgamento, mas

para realizar uma reflexão crítica, buscando articular o cotidiano escolar com as teorias estudadas ao longo do curso. Isso só é possível porque a disciplina em estágio supervisionado em EJA da UFRJ busca teorizar através de textos a prática vivenciada pelos graduandos, levando-os a questionar e refletir o fazer pedagógico do professor que atua na modalidade, sem o objetivo de culpabilizar quem quer que seja.

Nesse sentido, diferente do que Pimenta & Lima (2011) nos trazem sobre o campo de estágio ser visto somente como parte prática e não teórica, ou de ambas não dialogarem, o estágio supervisionado em EJA na UFRJ tem sido um espaço, tanto teórico, quanto prático, além de possibilitar a reflexão crítica necessária para a tarefa do fazer docente dos futuros professores. (MOURA, 2017)

Na disciplina de Estágio Supervisionado em EJA, é possível o diálogo e a discussão com o professor universitário e colegas de sala, dividindo, assim, as experiências do cotidiano das salas de EJA, no movimento de pesquisa sobre as questões e possíveis soluções sobre os casos trazidos. É nesse espaço que relatam/compartilham, teorizam e praticam a docência, percebendo os avanços e retrocessos de docentes e discentes das salas de aula. É possível notar que o estágio, para além de interlocução com a prática e teoria, também se constitui como espaço de experiência, apresentação e troca das mesmas, pois o fazer docente vai se corporificando a partir das experiências de professores universitário e regente, estagiário e educandos da EJA.

Nesse sentido, “o estágio deve preparar para um trabalho coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais”. (PIMENTA 2004 Apud ANDRADE 2005, p. 22).

Para apresentar as impressões trazidas pelos estagiários sobre o estágio supervisionado, nos debruçaremos sobre os relatórios de 2010, primeiros relatórios da disciplina e, de 2017 que são os atuais.

A partir da análise dos relatórios, observamos que um dos pontos mais relevantes era a percepção de como teoria e prática dialogavam no espaço escolar.

[...] consigo articular minha experiência na prática de ensino com a do local do meu estágio, dialogando com os textos trabalhados na disciplina de prática. (Estagiário V, 2010)

Durante o estágio pude enxergar teorias como questões palpáveis. (Estagiária S, 2017.)

[...] o estágio no CREJA me trouxe experiências fundamentais para pensar na prática docente, e as leituras dos textos indicados na disciplina possibilitaram que eu relacionasse teoria e prática, de forma a compreender que embora existam dificuldades, é indispensável uma prática reflexiva. (Estagiária L. 2017)

Ao relatar as experiências vividas, os estagiários apontam questões como a diversidade presentes em sala, a importância do professor pesquisador, a necessidade de uma abordagem voltada para a EJA, ressaltando como a teoria vista na graduação de fato dialoga com as vivências do campo. No entanto, ao apontar tais discussões em seus relatórios, percebemos que “o desafio de consolidação da indissociabilidade entre teoria e prática, na busca da *práxis*, ainda é grande” (MOURA, 2017, p.136), pois apresentam dificuldades em citar teóricos para dá embasamento as suas reflexões.

Assim, os saberes trazidos pela teoria devem está num movimento de articulação aos apresentados na prática, ou seja, um deve ressignificar o outro.

Portanto, o papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os. Daí, é fundamental o permanente exercício da crítica das condições materiais nas quais o ensino ocorre. (PIMENTA & LIMA 2011, p.49).

Outro ponto relevante, talvez um dos mais complexos percebidos na análise, foi o desafio do contato inicial com a modalidade que apresenta diferentes especificidades. Muitas vezes, o graduando não tinha conhecimento do que se tratava a EJA, dos sujeitos que encontrariam em sala, da diversidade seja em idade e/ou conhecimentos, das necessidades cognitivas e educacionais, isso porque muitos cursavam as disciplinas “Abordagem em EJA” e “Estágio Supervisionado em EJA” concomitantes, pois não havia pré-requisito para cursar a disciplina de “Estágio Supervisionado em EJA”. Para aqueles que haviam cursado a disciplina “Abordagem em EJA” antes da prática de estágio, o desafio era de entrar pela primeira vez numa sala de aula com os educandos da EJA. Nas falas dos estagiários, é possível perceber a angústia desse desconhecimento:

Quando entrei em sala percebi como a EJA é diferente das outras experiências que tive. Vejo que trabalhar com adultos é totalmente diferente, então é preciso me preparar mais. (estagiária X. 2010)

Antes de iniciar as aulas da disciplina Prática de ensino Est. Sup. De EJA e antes de começar o estágio, estava preocupada em “aprender como fazer para dar aula” e pensando “vou observar cuidadosamente o que a professora do estágio faz para poder construir um modelo de ensino”. E tudo isso foi desconstruído e repensado ao logo das leituras e das aulas. (estagiária R. 2017)

Meu primeiro contato com a turma foi inibido, uma vez que aquele era um lugar desconhecido para mim e eu era uma pessoa desconhecida para os alunos. Apesar disso eles me colheram rapidamente. [...] segundo por me sentir receosa em trabalhar com os alunos, já que é uma turma muito diferente das que eu havia estado e possuía muitas especificidades. (estagiária B. 2017)

Para muitos, o estágio pode ser um momento de só observar a prática do professor regente e trazer apontamentos e julgamentos sobre a sua prática, ou pode ser um momento de refletir sobre a prática do outro e trazer contribuições para repensar uma nova prática que auxilia numa melhor aprendizagem para os educandos. Logo, a contribuição do estágio se dará dependendo dos encaminhamentos dados pelo professor regente, universitário e pelo olhar trazido e pensado do próprio graduando.

Diante do exposto, compreendemos que o estágio tem sido um desafio, não somente para graduandos, mas também para os professores regentes e os orientadores (o professor regente é o da sala, e o orientador, da universidade), pois o olhar sobre o estágio tem mudado a cada momento. Assim, novos olhares e questionamentos têm sido trazidos para se repensar o papel do estágio para a formação do futuro professor.

A partir dos estudos de Pimenta & Lima (2011), percebemos que o problema não está no mínimo de oferecimento da parte prática, mas também na própria parte teórica, que se mostra insuficiente para a reflexão para a atuação na EJA, já que os textos escolhidos para compor o currículo pouco se aproximam dos alunos e do que eles irão enfrentar após a formação inicial.

Para além de outros desafios do estágio, compreendemos que existem as diferentes concepções de estágio, que nos fazem repensar os discursos presentes nas falas dos licenciandos. Apresentadas por Pimenta & Lima (2011), estas são *a prática como imitação de modelos*, em que não há reflexão: aqui o profissional não constrói sua prática, apenas reproduz a aprendida, sem nenhuma reflexão e problematização sobre as questões vistas. Nela, os alunos são todos iguais, aprendem igual. Na segunda, *a prática como instrumentalização técnica*, o profissional fica reduzido ao prático, e não trabalha com o pensamento, reflexão, estudo das questões, entra a separação entre teoria e prática.

Mesmo os estagiários apontando uma série de desafios e inquietações ao terem contato com o cotidiano por meio da prática, é notório o impacto que o estágio supervisionado em EJA tem causado na formação inicial dos futuros professores. Essa evidência pode ser percebida nas falas abaixo:

O estágio é um requisito fundamental na formação do pedagogo, pois nessa etapa as concepções podem ser observadas. (estagiária T, 2017.)

O estágio é importante para se tornar professor. [...] O professor deve incorporar o papel enquanto pesquisador para saber perceber com quais alunos está trabalhando e o tipo de material a ser utilizado. (Estagiária H., 2010)

Viver esse momento na graduação para mim foi algo inacreditável uma experiência única, ser professora não é uma tarefa das mais fáceis e exige de nós docentes o hábito de pensar e refletir nossas práticas a todo momento, ser educador é mais do que ensinar e aprender é reaprender a cada momento do seu cotidiano. [...]o estágio de prática de ensino em educação de jovens e adultos só reafirmou em mim a vontade de trabalhar com jovens e adultos. (Estagiária C., 2017)

De fato, a EJA é um espaço diversificado e cheio de indagações, que nos mobiliza a adentrar as particularidades da modalidade. Os relatórios aqui apresentados trazem uma gama de reflexões que nos levam a repensar a prática educativa, trazendo situações do cotidiano escolar, com as quais, provavelmente, este graduando só se depararia após assumir suas turmas como professor regente. É claro que muitos outros pontos foram trazidos pelos estagiários nos relatórios, mas pela complexidade do tema não puderam ser apresentados neste trabalho.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A profissão docente tem se tornado cada vez mais difícil, árdua e complexa, exigindo que ela seja intencional, política para a formação de futuros cidadãos conscientes de seus direitos e que sejam capazes de lutar por eles. É imprescindível que a todo momento o professor estude, busque uma formação constante para estar preparado para os desafios que são colocados.

Como Freire (1996) nos alerta, é necessário que o docente tenha “competência profissional”, procurando estar preparado para atuar na docência, visto que é uma tarefa muito difícil; caso contrário, não conseguirá realizar seu papel com seriedade e intencionalidade. A falta de preparo e formação do professor, para além de o desqualificar, traz fragilidade aos demais.

Logo, a formação inicial dos futuros professores deve ser baseada em uma preparação que lhes garanta a seriedade nos estudos, em que os saberes estejam em diálogo e não descontextualizados. Sendo assim, as disciplinas apresentadas no currículo devem estar ligadas, para dar suporte à prática docente.

O Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos no curso de Pedagogia da UFRJ tem promovido o movimento de ação-reflexão-ação, pois permite ao estudante que está em formação inicial refletir, através dos textos trabalhados, com os professores universitários, sobre as práticas presentes no cotidiano do estágio, ao mesmo tempo em que atua na sala de

aula, seja ao auxiliar ou conversar com um educando da EJA, ou ao trabalhar em conjunto com o professor regente em suas demandas de sala de aula. Esse espaço permite ao educando em formação inicial vivenciar vários aspectos necessários à prática docente, desde o contato com seus formadores aos com os educandos da EJA.

O campo do estágio supervisionado possibilita ao estagiário se tornar pesquisador e investigador, movimento esse que deve ser incorporado já na formação inicial, preparando o para atuar futuramente na sala de aula, visto que a todo momento na profissão docente o sujeito será provocado a refletir, pesquisar e investigar as questões trazidas pelos seus educandos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arnon de. O estágio supervisionado e a práxis docente. In: Estágio curricular: contribuições para o redimensionamento de sua prática / Maria Lúcia Santos Ferreira da Silva, Organizadora. – Natal, RN: EDUFRRN – Editora da UFRN, 2005. 96 p. (Coleção Pedagógica; n. 7).

BASTOS, D., SOUZA, M., NASCIMENTO, S. *Monografia ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parecer CNE/CEB 11/2000*. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2017.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394/96*. Brasília, 20 dez. 1996.

ESTEBAN, Maria Teresa. ZACCUR, Edwiges. A pesquisa como eixo de formação docente. In: Professora-pesquisadora – uma práxis em construção/ Maria Teresa Esteban e Edwiges Zaccur. (Orgs.) – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire*. - São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GARCIA, Regina Leite (org). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Editora: Record, 1998.

LÜDORF, S. M. A. *Metodologia da pesquisa: do projeto à monografia*. Rio de Janeiro: Shape Ed. 2004.

MOURA, Ana Paula de Abreu Costa de. *Construção da identidade do docente da Educação de Jovens e Adultos: contribuições da prática de ensino e da extensão universitária*. In: Educação de Jovens e Adultos em Debate./ Onga.: Ênio Serra; Ana Paula Abreu Moura – 1 ed. – Jundiaí , SP: Paco, 2017.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção docência em formação – Série Saberes Pedagógicos).

## ANEXOS

### Anexo 1: Parte inicial da Grade Curricular do curso de Pedagogia da UFRJ

SIGA		Sistema Integrado de Gestão Acadêmica	
Distribuição Curricular		Pedagogia - Tarde - Prata Vermelha	
Atualizado em: 07/07/2017 08:58			
Curso de Graduação em Pedagogia			
Currículo a ser cumprido pelos alunos de 2015/2 a 9999/9			
Localização:	Faculdade de Educação	Código:	3304080000
Durações		Estrutura	
Prazo máximo de integralização na UFRJ:	14 segmento(s)	Trabalho de Conclusão:	Monografia
Duração recomendada na UFRJ:	9 segmento(s)	Desenvolvido em Parceria:	não
Número mínimo de horas (CNE)	2800	Possui Banca Examinadora:	sim
Duração em anos (CNE):	Mínima:3    Média :0    Máxima:0	Pago:	não
Dados da coordenação		Características	
Responsável:	ANA PIRES DO PRADO(Doutorado)	Modalidade:	Presencial
Matricula:	08663870728    C.H.: DE	Denominação Oficial:	Pedagogia
Email:	pedagogia@fe.ufrj.br    Site: www.educacao.ufrj.br	Situação:	Ativo
Informações complementares			
Criação:	não informado		
Reconhecimento:	Portaria 103 de 04/04/2016 publicado no Diário Oficial da União em 05/04/2016		
Aprovação Curricular:	Processo 006455/2014-34 de 25/03/2014 publicado no Boletim Interno da UFRJ em 25/03/2015		
Público Alvo:	não informado		
Observações:	A proposta da Faculdade de Educação de Ajuste Curricular do Curso de Pedagogia para inclusão das Atividades de Extensão foi aprovada pelo CEG em 25/03/2014 (proc 006455/2014-34).		
Endereço(s)		Telefone(s)	
não informado		Comercial: 55 (21)25423996	

### Anexo 2: Grade Curricular do 8º e 9º períodos do curso de Pedagogia da UFRJ

8º Período						
Código	Nome	Créditos	C.H.G. Teórica/Prática/Extensão			Requisitos
EDA242	Organizacao do Trabalho Pedag.	3.0	45	0	0	
EDA604	Políticas Públicas em Educação	4.0	60	0	0	
EDD648	Abord Did Educ de Jov Adultos	4.0	60	0	0	
EDW480	Monografia	2.0	0	60	0	
EDWU01	Prát Ens Sér Inic Ens Fundamen	4.0	60	100	0	
Atividades Academicas Optativas (Grupo: EXTENSÃO)		1.0	0	45	0	
<b>Total de Créditos</b>		<b>18.0</b>				

9º Período						
Código	Nome	Créditos	C.H.G. Teórica/Prática/Extensão			Requisitos
EDA480	Educao Comparada	4.0	60	0	0	
EDD636	Educ e Comunicação II (Libras)	3.0	30	30	0	
EDF419	Educação e Trabalho	4.0	60	0	0	
EDWK02	Orientação de Monografia	1.0	0	45	0	
EDWU25	Prát En Est Sup Educ Jov Adult	4.0	60	100	0	
EDWX01	Atividades Complementares	2.0	0	100	0	
Atividades Academicas Optativas (Grupo: EXTENSÃO)		1.0	0	45	0	
<b>Total de Créditos</b>		<b>19.0</b>				

Disciplinas Optativas (Escolha Restrita)						
Código	Nome	Créditos	C.H.G. Teórica/Prática/Extensão			Requisitos
<b>Grupo : EXTENSÃO</b>						
EDWZ01	Curso de Extensão I	1.0	0	0	30	
EDWZ02	Curso de Extensão II	1.0	0	0	45	
EDWZ03	Curso de Extensão III	2.0	0	0	60	
EDWZ04	Curso de Extensão IV	2.0	0	0	90	
EDWZ21	Evento de Extensão I	1.0	0	0	30	